



Dr. João Alberto Novis Gomes Monteiro.

Fonte: Acervo Fotográfico do Arquivo da Casa Barão de Melgaço

VIRGÍLIO CORRÊA FILHO - UM GIGANTE!

Virgílio Corrêa Filho - a giant!¹

João Alberto Novis Gomes Monteiro

Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e membro da Academia Mato-Grossense de Letras, que presidiu. Já falecido.

Gosto sempre de abordar uma personalidade, sobre a qual escrevo, como pessoa humana e não apenas como dona de um frio e burocrático *curriculum vitae*, ainda que excepcional seja este. Isto considero essencial, sobretudo se convivi com o abordado. A mais, como é costume entre nós, nas grandes famílias há

1 Esse artigo foi escrito pelo Dr. João Alberto Novis Gomes Monteiro, na Revista do IHGMT de 1999, quando discorreu sobre seu Patrono.

sempre homônimos e, em se tratando de personalidades ilustres, no futuro estarão, suas lembranças, sujeitas a confusões. Consideremos também que, quanto maior for a importância da obra deixada para a posteridade, mais longo será o tempo em que seu autor será lembrado – o que torna mais obrigatório identificá-lo, assim evitando equívocos em longínquo futuro.

Desde a minha mais tenra idade ouvia, em família, falarem em “Virgílinho”. A princípio cheguei até a pensar que se tratasse de um parente, criança como eu, que vivia no Rio de Janeiro. Aos poucos fui conhecendo quem era este “Virgílinho”, que tão orgulhosamente era citado como escritor e historiador, que brilhava desde a, então, capital da República. Assim, sua figura me foi se agigantando, fazendo-me parecer impróprio o carinhoso diminutivo familiar pelo qual era tratado, pelo fato de ser filho de outro Virgílio ou por querer traduzir o mais irrelevante aspecto da avaliação de um homem em corpo e alma: a pequena estatura que possuía.

Na família Alves Corrêa, da ascendência materna de minha mãe, tinha existido e ainda havia outros Virgílios, não menos merecedores da consideração e orgulho por parte dos familiares. Porém, este aqui abordado, era o Virgílio Alves Corrêa Filho, primo-irmão da minha avó Antonieta. Além deste parentesco, “Virgílinho” havia se casado com Edith Corrêa da Costa – prima-irmã de minha mãe –, filha que era de Pedro Celestino Corrêa da Costa e Constança Novis Corrêa da Costa. Não bastassem estes laços familiares maternos, meu pai também tinha ascendência Corrêa da Costa, como o próprio Virgílio que teve, por avô materno, o cel. Cesário Corrêa da Costa.

Em meu íntimo nasceu, então, uma grande curiosidade em conhecer, pessoalmente, o ilustre parente e isto se deu quando, em 1949, fui estudar no Rio de Janeiro.

Em 1950, já cursando o primeiro ano de Medicina na Faculdade de Ciências Médicas, fui morar em

uma pensão, na Rua Moraes e Silva, ao lado da casa da tia Corina - irmã do meu avô Alberto e viúva de Pedro Celestino, tia e madrastra da Edith, esposa do “Virgílinho”, que morava logo acima, na Praça André Rebouças. Quase todas as noites, após o jantar, nos reuníamos em casa da velha tia. Em 1951 mudei-me para mais perto da faculdade, em São Cristóvão. Mas aquelas agradáveis reuniões, certamente, devem ter continuado – vivíamos numa época em que não havia ainda a televisão para atrapalhar a convivência com familiares, vizinhos e amigos.

Assim teria sido até que pertinaz enfermidade vitimou a prima Edith, levando-a do nosso convívio, em 1953. Já como estagiário dos serviços de Clóvis Corrêa da Costa – outro ilustre primo, que brilhava na Medicina brasileira – no hospital da Fundação Gaffrée-Guinle, onde também trabalhava João Mário da Silva Pereira – sobrinho, afilhado e médico-assistente da enferma – acompanhei todo o seu sofrimento, a desolação do seu esposo, filhos e familiares. Após o infausto ocorrido, Virgílio publicou no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, em 25 de outubro de 1953, o belíssimo artigo – transcrito na *Revista da Academia Mato-Grossense de Letras*, nº XLIII, de 1954/55, que assim termina: “E morta, acompanharam-na os ‘pensamentos idos e vividos’ que ditaram esta melancólica e sombria página de saudades”. Quanta sensibilidade!

Na viuvez, Virgílio contou com a permanente assistência de suas dedicadas filhas.

Falar sobre a importância da obra de Virgílio Corrêa Filho e detalhá-la, mesmo que resumidamente, ocuparia todo volume deste número jubilar da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*. Outro volume seria necessário para citar o quanto foi escrito, enaltecendo-lhe a vida terrena e os trabalhos publicados, pois continua sendo ele, indiscutivelmente, o maior nome na preservação da memória mato-

-grossense e um dos nossos mais notáveis escritores. Sua brilhante atuação em nosso Instituto Histórico e na Academia Mato-Grossense de Letras é por demais conhecida. Também o são sua participação na vida pública e profissional, igualmente nas entidades e órgãos de âmbito nacional a que pertenceu ou a que deu sua valiosa colaboração: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, IBGE, Conselho Nacional de Geografia, Jornal do Comércio etc.

Porém, aos que quiserem conhecer *quem e o que foi* Virgílio Alves Corrêa Filho, recomendo a leitura da magnífica publicação “*Recordações inéditas de Virgílio Corrêa Filho*”, editada pela sua família, no Rio de Janeiro, em comemoração ao seu centenário de nascimento, em 1987. Esta verdadeira joia é prefaciada pelo general Samuel Augusto Alves Corrêa que, fielmente, descreve o escritor e o homem que foi seu pai: “[...] a sensibilidade e a grandeza de sentimentos [...] estilo elegante e escoreito e a luta dignificante pela vida em que perseverou, ocultando a todos nós suas desilusões, frustrações e dificuldades, que não se refletiam no seu modo de ser, sempre afável, paciente, humilde, compreensível e prestativo”. Esta obra, além de impressões pessoais de filhos, nora e netos, traz uma autobiografia do homenageado e detalhada relação de suas atividades literárias, profissionais e políticas. Assim, tal publicação deve ser divulgada, preservada e sempre reeditada, por ser importantíssima para o estado de Mato Grosso.

Pelo seu trabalho na pesquisa e divulgação do nosso passado, Virgílio Alves Corrêa Filho se identifica com a própria história de Mato Grosso – ninguém poderá dissociá-los em qualquer estudo sério da historiografia mato-grossense.

Virgílio trabalhou até quando lhe permitiram suas condições físicas, por volta do final de 1964. Como escreve seu filho Maurício, na citada preciosa publicação:

“Certamente Papai não teve o fim de vida que desejou: morrer na ativa sempre trabalhando, pois o trabalho, ele considerava estimulante dádiva divina. Na verdade Papai, como uma vela, aos poucos se extinguiu”. Nas- cido em 8 de janeiro de 1887, faleceu aos 86 anos, em 11 de setembro de 1973.

Hoje, integro o Conselho Fiscal do Instituto Histó- rico e Geográfico de Mato Grosso e presido a Academia Mato-Grossense de Letras, entidades das quais – há oito décadas – Virgílio Corrêa Filho foi um dos funda- dores. Já o havia escolhido para patrocinar a Cadeira que ocupo em nosso venerando Instituto Histórico, que ora chega a oitenta anos de importante trabalho iniciado, principalmente, por ele.

Mas, o que dizer poderia, neste artigo, aquele meni- no de outrora que chegou, em sua inocência, a pensar que o “multiparente” Virgilinho fosse do seu tamanho?

Em poucas palavras, resumirei o conceito que, de há muito, se me formou: já naquela época o “Virgili- nho” era o gigante, que sempre será, a engrandecer a cultura mato-grossense!